

LAVRADOR, João – *The Church and the Modernity: a symbol of confronting, D. Miguel da Annuniação.* p. 35-54

The Enlightenment made a remarkable mark on the culture from XVIII, that defined the difference in all aspects of life.

To understand the modernity and pos-modernity it is necessary to establish the influence created by the Illumination.

Meanwhile, the Church and the Cristianity in general took also heart the reaction from the thinking, that spring out from rationalism. As a confronting symbol, with new ideas, we find D. Miguel da Annuniação, bishop of Coimbra. As we correspond in the pastoral letter, which way shall we follow to read the condemn to those writers, bounded to the Illumination.

DOMINGUES, Bernardo, O.P. – *Prophetic Indication of Consecrate Life.* p. 55-72

Without conditions of space and time, the prophetic interpelation was, for ever, for the activity in the human life to permit the realiable persons to insight between the conclusive and the transitory, clearing up the essential and the necessary to holy life and happness (Joel 3). There are many people on the Church with so much fidelity to the prophecy that they can read and understand the time's signs.

Meanwhile, the different oportunities of consecrate life has significance to establish the escahtological kingdom, so that they may obtain a good repport (Heb. 11:2).

The human life, according to the Gospel, by the Jesus Christ's torment, demands an immediate answer by the mediation of the Holy Bible, and pray for a good conscience to live honestly (Heb. 13:8) in human evolution.

At the time of globalization, were the values are in crisis, where predominate the sensorial, the emotions, the easy, the empty, the pragmatism, we make up a new atention for essence of things and the good sense to ponderate the values according to the faith.

CARVALHO, José Carlos – *The divin filiation as representation's transcendental condition.* p. 73-111

The author picks up the most important theologians of the XX century, and asks them the essential soteriological question: how can one man mediate salvation to all mankind?

That's a very debated subject nowadays, in this age of religious pluralism.

In the first chapter, the author presents some data on the critic of the fatherhood in modern society, so that it might me possible to look at the fatherhood of God and at the sonship of Christ as the way to meaning and salvation, in order to recover sense and future.

At the end, the author tries to see how the Church can reproduce the "representaion" of Jesus. Two concepts are interwooved: solidarity and representation. The two ideas are proposed as a new translation of the New Testament essential concept of mediation. Christ as the unique mediation is the only one capable of representing us to the Father. That's His gift as well as His Priesthood.

Notas e Comentários

FRIEDRICH NIETZSCHE: INFLUÊNCIA NA CULTURA PORTUGUESA

Esta era, segundo E. Lourenço, uma obra que faltava na cultura portuguesa, no sentido de definir a influência de F. Nietzsche, quer nos filósofos, quer em literatos, quer, ainda, nos políticos. Foram poucos os pensadores que terão exercido, ao longo da história, impacto cultural e social tão significativo, como o filósofo germânico. As reflexões e críticas, à tradição filosófica clássica, à religião e à moral, ao humanismo e ao socialismo, fazem, do filósofo de Basileia e do pensador germânico, uma figura de incondicional actualidade, sendo objecto de uma obra repleta de desafios e de constantes investigações e interrogações, com múltiplas perspectivas de análise, que despertam ora uma adesão fervorosa, ora uma rejeição mediática. Se assim foi no passado, também, continua a sê-lo no presente, cem anos após a sua morte. Também, o pensamento cultural português tem-se confrontado com muitas questões. O presente texto, que foi uma tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras (germanística) da Universidade do Porto, constitui a possibilidade de trazer, ao conhecimento do público, este contributo para a história da recepção portuguesa do pensamento nietzchiano, no período que vai de 1892 a 1939.

Como se pode confirmar, esta obra de estudo da cultura germanística e do pensamento filosófico de F. Nietzsche, de forma sintética, esboça-se entre o contrário e o contraditório, quase a cada momento, expresso por tese e antítese ou afirmação e negação. O filósofo tem um pensamento assistemático, aforístico e paradoxal, simbólico e crítico quer da religião, quer da filosofia tradicional, quer ainda da sociedade, em que viveu. Foi, por assim dizer, um filósofo eclético dos novos tempos (Rocken, 15/10/1844 – Weimar, 25/8/1900), influenciado por pré-socráticos (Empédocles, Tales, Leucipo e Demócrito, etc.) e pelos trágicos gregos. Aqui é de salientar a sua tese de doutoramento "A Origem da Tragédia" na qual se professa o "espírito apolíneo" (arte, ciência e cultura) e o "espírito dionisíaco" (edonismo, pai-

xão e emoções) e que marcaram a sua categoria fundamental: “Uebersch”, que se revela, também, numa dualidade: homem distinto e besta loira, tal como se afigure da leitura do “Assim falou Zaratustra”.

Perante tal diversidade de obras e de temáticas filosóficas, não é muito fácil o estudo do método (genérico ou estrutural) na sua obra, não se tendo revelado tão profícuo. O pensamento nietzschiano passou por várias fases:

A primeira é marcada pela tragédia grega, que parece ser sinónimo de tragédia da vida real, dado que o filósofo morreu prematuramente, com esquizofrenia, em 1900. Aqui surgem os símbolos da metodologia grega. Nietzsche era filólogo por formação (professor de grego na Universidade de Basileia - Suíça). O filósofo parece ver que a cultura europeia da época é marcada pelo alexandrinismo, tratando-se de uma cultura “filisteia”, onde surge, como crítica, a cultura do senhor e do escravo, marcada pelos eruditos “cheios de si”. Não fosse a defesa do “eterno retorno”, na linha filosófica, propõe o regresso à grécia arcaica, desde a língua à cultura e à filosofia. E o pensador germânico exalta a vida contra a história. Surge o “nihilismo historicista”.

Numa segunda fase, deixa-se influenciar por Sócrates que considera a maior figura da filosofia, começando pelo “Humano, demasiadamente Humano” (1878) e termina com “A Gaia Ciência” (1881). O nosso pensador foi influenciado por Darwin, na concepção da vida, pela lógica indutiva, segundo o espírito da ciência positiva e pelo evolucionismo de Spencer e S. Mill.

Mas, o “leitmotiv” do seu enlevo filosófico fica a dever-se ao “Uebersch” tal como é anunciado por Zaratustra.

O “Uebersch” assimila *per se* a vontade de domínio, de poder, bem como a tendência original de todo o ser. A besta loira e o grande aristocrata vivem e realizam-se para além do bem e do mal, do justo e do injusto, do valor ou do contra-valor, bem como em todas as “dicotomias” originárias do profeta persa Zaratustra, continuadas por acção do pensamento de Sócrates.

Logo, o “Uebersch” dirá sim às realidades telúricas e a tudo quanto a terra representa como um absoluto. Daqui surge uma nova axiologia.

Nietzsche foi marcado pelas contradições sociais, políticas e culturais da sua época, como: racionalismo, positivismo, paganismo e cristianismo, retorno e evolução. O filósofo nihilista procurou libertar-se delas por duas formas:

- a afirmação do “eterno retorno”;

- a afirmação do “Uebersch” sem qualquer prova ou demonstração. A nova crença, no novo profetismo, tornou-se um caminho de nihilismo histórico.

Nietzsche surgiu como filósofo da suspeita, porque diagnosticou genialmente os males do seu tempo, surgindo como profundo analista dos instintos, que conduzem os homens de todos os tempos. Parece que o filósofo alemão não encontrou solução para os primeiros, nem sentido para os segundos. A sua obra polifacetada e fragmentada poderá criar alguns problemas para a análise. Deverá ser lida com espírito crítico, para que se compreendam tantas obras, quanto o *Ecce Homo*. As críticas, à religião e ao cristianismo, são marcantes e profundas.

Um dos marcos é a teologia sem Deus, tal como assinou na frase: “Got ist tot”, obrigando-nos a encontrar um novo sentido para o mundo e para a vida, bem

como para a história e para a cultura. Surge uma teologia da morte de Deus. O filósofo viveu entre o ateísmo e o agnosticismo. Deus é substituído pelo “Uebersch”. Temos uma nova religião, bem como uma nova teologia. A teologia surge como pura “antropologia” sem Deus. Não existe o Deus dos filósofos, nem o Deus da revelação bíblica. A religião, que em Aristóteles é uma virtude, passa a ser um “contra-valor”.

Esta obra, de Américo Enes Monteiro, é extremamente valiosa, não tanto pela crítica filosófica ao pensamento nietzschiano, mas como prova da influência e projecção de algumas ideias do filósofo nos escritores e filósofos portugueses.

Ao longo da obra, muito bem documentada com bibliografia e comentários sobre F. Nietzsche, o autor vai analisando, um a um, os vários autores e as críticas favoráveis e/ou desfavoráveis sobre o filósofo germânico.

O autor apresenta, também, as obras completas, em várias edições, de F. Nietzsche. Muitas são as referências e respectiva tradução do texto alemão, nesta tese de doutoramento.

Trata-se, pois, de um trabalho exaustivo e louvável, feito de forma crítica e criteriosa, para analisar as influências literárias.

Além das edições críticas de F. Nietzsche, o autor apresenta uma excelente introdução e conclusão.

Apesar de ser uma tese de doutoramento, em germanística, o autor apresenta pontos fundamentais sobre a filosofia de F. Nietzsche e seu valor, sem apresentar uma profunda crítica sobre a “filosofia da suspeita”. Aquilo que mais interessou ao autor foi estudar os pensadores que se sentiram influenciados por esta filosofia, enquadrada nas suas obras e no seu pensamento entre 1892-1939.

Por isso, é que o autor referiu esta obra como a recepção de F. Nietzsche na vida intelectual portuguesa.

Com Nietzsche surge uma nova axiologia, aparecendo os “valores” como convenções históricas (extrínsecas) que poderão surgir de um recalamento individual ou colectivo. São normas que a sociedade impõe.

F. Nietzsche é um filósofo que apresentou novas perspectivas, marcando, assim, o mundo ocidental.

O autor, após um prefácio e uma resenha bibliográfica, cronologicamente, sobre F. Nietzsche, inicia o seu estudo sobre a influência deste, na cultura portuguesa, com um capítulo sobre os finais do século até à implantação da república (1892-1910), apresentando o período pré-nietzschiano (1892-1900). A penetração do pensamento nietzschiano em Portugal foi reduzida e lenta. Existem veladas referências ao filósofo, em Eça de Queirós, na “A Cidade e as Serras”. O nietzschianismo difuso, que se vai a custo detectando entre nós na década de 90, insere-se num determinado “éthos” político, social e cultural dos finais do século XIX, para poder situar F. Nietzsche.

O primeiro eco da presença de F. Nietzsche, entre nós, encontra-se na revista lisboeta – Ocidente – (1875-1915), na secção de crónicas, assinada pelo ficcionista e dramaturgo Gervásio J. G. Lobato. O filósofo gozou de grande popularidade, devido ao seu pensamento, na Alemanha; não acontecendo o mesmo nos restantes países da Europa.

A novidade e o êxito da obra de Nietzsche não estão no seu conteúdo, dado que todo ele se resume numa frase: "tudo é nada". Na edição de 23 de Outubro de 1893, o jornal "Novidade", pela pena do seu director, num artigo, Emídio Navarro, o filósofo é apontado de pessimista, estranho germânico, anarquista e cínico. A nova doutrina filosófica não se destina às massas, mas sim às "elites".

Nietzsche é visto de forma negativa e o seu pensamento apontado por um dedo acusador com um pensamento a reprovar. Mas, em França, G. Valbert, na "Revue des deux Mondes", (1/10/892), debruçou-se demoradamente sobre o pensamento de Nietzsche, apresentando-o como irreconciliável com a sociedade moderna e com o cristianismo, visto como moral de oposição aos "instintos".

Diga-se de passagem que, em alguns dos nossos escritores da viragem do século XIX, detectamos juízos negativos sobre Nietzsche e a sua obra, não sendo, pois, inspirados na "Le Philosophie de Nietzsche", mas tiveram a sua motivação noutras leituras, com toda a certeza por iniciativa dos ensaios franceses. Mesmo assim, F. Nietzsche é mais conhecido em França do que em Portugal.

É, também, em 1898, Sampaio Bruno (1857-1915), na obra "Brasil Mental", que refere F. Nietzsche relativamente à sua filosofia. Porém, o filósofo português denota saber tão somente que ela gira em torno de um novo conceito de Homem Supremo, escapando-lhe o verdadeiro conteúdo.

Já não se ignorava que F. Nietzsche integrava uma pléiade de críticos que, na Europa, dava o tom às novas correntes literárias e às novas formas de pensamento.

Também, na imprensa portuguesa, se fez eco da morte de F. Nietzsche, a 25 de Agosto de 1900, mergulhado no torpor da loucura. A notícia foi célere por todos os cantos do mundo, a que não escapou a imprensa lusa, desde o "Correio da Noite" até ao "Novidades", passando pela "Tarde" ou "Diário da Tarde".

Apesar de ser lenta a presença da expressão das obras de F. Nietzsche, em Portugal, Manuel Laranjeira, em 1901, publicava, na "Revista Nova", um ensaio sobre o pensamento do filósofo germânico com o título: Augusto Santo, Estudo psico-estético.

Entre 1904 e 1910, surgem os primeiros ensaios sobre a doutrina de Nietzsche, referenciando-se, aqui e ali, leituras um tanto desfocadas. Embora, o mais bem concebido tenha sido o estudo de Sampaio Bruno. Porém, várias são as leituras positivas e eufóricas. Começa-se por João de Barros (1881-1960), que é um comentador emblemático da recepção positiva da obra de F. Nietzsche. Talvez, seja este um dos melhores críticos do filósofo, partindo do "Uebermensch" e fica-se com a impressão de que o ideal deste se apresenta como sinónimo de ambição e como domínio de tudo e de todos (Zur Genealogie der Moral). O fundamento da moral, como o concebeu F. Nietzsche, deverá ser o conceito que "deve" ultrapassar-se a si próprio. João de Barros não considera esta doutrina como de "imoral", uma vez que não há imoralidade alguma, pelo homem esforçar-se no seu contínuo progresso. A reflexão de J. de Barros é fascinante, face à riqueza e à novidade do pensamento nietzschiano.

Na mesma linha, J. Grave, na qualidade de colaborador do Diário da Tarde", redigiu a notícia necrológica e refere, de forma crítica, como F. Nietzsche domina quase toda a literatura europeia.

António Patrício é considerado, nesta primeira fase da história da recepção de F. Nietzsche, um dos primeiros representantes desta influência produtiva. O carácter desencontrado destes comentários revelam, à saciedade, ter-se transformado em sinal de contradição, desde "Der Antichrist" até ao "Also sprach Zarathustra". O capítulo II dedica-se à reflexão sobre a proclamação da república (1910). As revistas, "Águia" e a "Renascença Portuguesa", demarcam-se e, assim, desenvolve-se a renascença desde a sua génese à evolução com Jaime Cortesão, P. Proença e Teixeira de Pascoais.

O autor faz uma referência histórica, quer à Renascença quer à Águia, para assim se situar na influência que F. Nietzsche exerceu nos ideais republicanos, animados por anseios patrióticos e democráticos.

O autor estuda a influência de F. Nietzsche em Teixeira de Pascoais, como vem narrada em "Jesus e Pã". Esta obra foi publicada em 1903, onde o Zarathustra da Serra do Morão salienta o binómio paganismo-cristianismo e a tradicional relação antitética no âmbito da filosofia de vida, como tema recorrente do "Also sprach Zarathustra". Num dos seus poemas há a apologia do paganismo, como religião da vida e da alegria, em oposição ao cristianismo, religião da renúncia, da tristeza e do desprezo do mundo, sendo revelador a proximidade do filósofo de Roeken ao filósofo do Marão.

A trilogia que caracteriza o cristianismo de Pascoais: vida solitária, páldos jejuns e triste castidade é, naturalmente, idêntica à trilogia apresentada pelo autor da "Morgenroete".

Outro pensador português, marcado pelo filósofo da suspeita, foi Leonardo Coimbra (1883-1936). A obra, "A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre" (1922), sugere referências anódinas e acidentais sobre F. Nietzsche.

Há alguns relacionamentos com a teoria do "eterno retorno". Assim, os ensaios da exegese da obra "Der Einzeige und sein Eigentum" iam sugerindo que o "único stirneriano" tinha um sózia no "Uebermensch" de Nietzsche. É por este caminho que o filósofo do criacionismo descobre o pensamento do Homem Supremo e se deixa conduzir pelo vitalismo decorrente.

Ainda, segundo L. Coimbra, a vontade de domínio provém do orgulho diabólico, que animava o filósofo de Roeken.

Seguindo um estilo aforístico, dentro do espírito nietzschiano, L. Coimbra redige "A Alegria, a Dor e a Graça", onde se refere que o ruído altera todas as relações com a verdade, quando caminhamos para o silêncio da Montanha ou do Mar.

É no silêncio que se manifestam os maiores acontecimentos. O barulho mata o pensamento ("Also sprach Zarathustra, Band IV, p. 169 e 284). L. Coimbra diz que Nietzsche é uma sensibilidade excepcional, onde o "Uebermensch" sofre do mais requintado racionalismo. A sua filosofia é uma autoterapêutica. Aparece como insensatez e ocasionalidade. L. Coimbra, além de apresentar o racionalismo nietzschiano, formula um juízo negativo sobre a paranése de Zarathustra e sujeita a ideia do "Eterno Retorno" a uma crítica contundente.

O confronto de Nietzsche com o cristianismo e com a doutrina da transmutação da axiologia, bem como a crítica da moral burguesa decorrente do

mesmo confronto, interessam a Leonardo Coimbra, dado que este reflectiu o mesmo problema. Muitas são as referências ao pensamento nietzschiano em Leonardo Coimbra. Outras influências marcantes surgem em Vila-Moura (1877-1935), Teixeira Rego (1881-1934), Mendes Correia (1888-1960) e Aarão de Lacerda (1890-1947). Alguns colaboradores esporádicos foram influenciados pelo filósofo germânico, como: Manuel Laranjeira, Joaquim Manso e Veiga Simões.

Todos estes escritores e filósofos, bem como a segunda geração de aquilistas (Eugénio Areais e Sant'Ana Dionísio), foram marcados pelo pensamento do filósofo de Roecken. Uns mais, outros menos. Mas, aquele que comenta e faz aproximações constantes ao pensamento nietzschiano é Sant'Ana Dionísio nas suas obras filosóficas. Um dos temas desenvolvidos pelo autor refere o filósofo de Roecken como apóstolo da violência, ou talvez não. Assim, a releitura do filósofo de Roecken, definida pela catástrofe europeia, iniciada em 1914, que associa Nietzsche ao militarismo germânico, vai incentivar, entre nós, uma recepção ao filósofo-poeta e da sua obra, caracterizando-se por um clima predominantemente político. Daqui se segue que esta influência nietzschiana é detectável, de forma clara, entre os escritores da "Seara Nova". Todo o capítulo IV é dedicado aos seareiros e à componente política da recepção, segundo Nietzsche, onde surgem temas como: o eterno retorno, o vitalismo, a doutrina do Homem Supremo, a vontade de poder, o apolíneo e o dionísio.

O autor faz algumas abordagens filosóficas do pensamento de F. Nietzsche, quer em Almada Negreiros e quer em Fernando Pessoa, com os seguintes juízos sobre a pessoa, a cultura helénica, o ideal estético dos gregos, o cristianismo, a moral e a civilização, o Homem Supremo e os seus valores, a morte de Deus, a valorização da vida, a arte como sua manifestação, igualdade, democracia e socialismo, a mulher, o eterno retorno, o estado, a poesia, a mentira e o fingimento.

O autor apresenta uma série de apêndices documentais, indispensáveis para continuar a responder às anteriores perguntas.

Devemos notar que esta tese de doutoramento não é um estudo filosófico e de fundamentação gnoseológica e ontológica. Mas, a cultura lusa está de parabéns por esta obra, que traduz uma preocupação que não existia em Portugal: saber que escritores e filósofos portugueses foram influenciados, como se exemplifica por um dos autores, mais bem estudados nesta tão significativa e profunda obra. Trata-se, sem dúvida, de Fernando Pessoa.

Um dos temas fundamentais reside no modernismo literário português, centrando-se o autor no pensamento de Fernando Pessoa (1885-1935). Muitos são os temas nietzschianos que influenciaram, de forma marcante, o pensamento dos Heterónimos, sendo os aspectos comuns seguintes: o homem solitário e o poeta-filósofo e o filósofo-poeta; o génio póstumo; o pensador incoerente. O autor vai estabelecendo relações entre as formas de pensar, como na Mensagem e noutros poemas. Um dos escritores profundamente estudados é Almada Negreiros (1893-1970).

Apresenta-se, como nítida, a intenção de Pessoa de abordar o problema da origem da axiologia no contexto da teoria nietzschiana, relativa ao mesmo pro-

blema. O interesse de referenciar F. Nietzsche, numa abordagem do problema moral, denota já um conhecimento sobre a "filosofia dos valores", tal como o filósofo de Roecken expõe em "Zur Genealogie der Moral".

Curiosamente, tanto F. Pessoa quanto F. Nietzsche sentiram os arrepios duma enorme e insensível solidão e, nas respectivas obras, expressam-se de forma clara como invencível solidão, que se traduz na vida e assim o refere F. Nietzsche: "Ach Freund, was fuer ein tolles, verschwiegen Leben, lebe ich! So allein, allein!"

Para Pessoa, a solidão é o estatuto do génio, daquele que pensa, numa proximidade com o pensamento nietzschiano.

Mais horrível que as palavras que se podem exprimir é o medo da loucura. Profundas são as sintonias entre o filósofo - poeta e o poeta - filósofo. Tal como F. Nietzsche, F. Pessoa tem a nítida consciência de ter nascido postumamente. Pertença a uma geração que ainda está para vir.

O estatuto de todos os génios vive-se como filho do futuro: "Wir Kinder der Zukunft". Os dois referem, pelo pensamento de José Régio, a parte do futuro, que já existe no presente. Aqui temos os pensadores assistemáticos e incoerentes.

Porém, F. Pessoa está atento às contradições e incongruências que se situam na obra nietzschiana. Numa carta escrita, provavelmente, em 1915, refere-se a Nietzsche como detentor de um estilo inconsequente e de um pensamento para adivinhar. Escreve-se, em Nietzsche, a contradição de si próprio como a única coerência fundamental, bem como as suas inovações.

Pessoa, apesar de não dominar a língua de Goethe, revela-se, em muitos aspectos, uma espécie de sócia do autor de "Crepúsculo dos Ídolos".

As mais variadas simetrias de Pessoa com Nietzsche, tanto nas configurações temperamentais, quanto em elementos estruturais do pensamento e obra, *in genere*, são reveladores de uma predisposição para o autor da Mensagem, tornando-se um destacado receptor de F. Nietzsche.

Parece confirmar-se que Pessoa teve acesso a Nietzsche pela via transversa de traduções francesas, através da obra de Gaultier.

Finalmente, surgem o segundo modernismo e a revista "Presença" (1927-1940), onde se nota a criação de uma "literatura viva", estabelecendo-se uma destacada referência com Nietzsche, pensando como o filósofo de Roecken era um apologeta da razão, claro está, e não da fé. Refere-se a este propósito, que foi não tanto a preocupação por um estudo de adequada recepção ou não adequada, mas a explicitação das razões do acolhimento dispensado à obra e ao pensamento nietzschiano e da sua acção na vida cultural portuguesa, procurando, sobretudo, responder às perguntas: quem, como e porquê, entre nós, se debruçaram sobre a figura e a obra de F. Nietzsche.

Seria interessante realizar-se um estudo gnoseológico e ontológico entre os dois pensadores, o que não acontece nesta tese de doutoramento, até porque a aproximação e a recepção é no âmbito literário-histórico do *Corpus Nietzscheanum*. O autor, de tão relevante texto para a cultura da língua de Camões, não teve tal pretensão, não referenciado a receptividade filosófico-crítica de tal pensamento.

Mas, nada tira o mérito e valor de Américo Enes Monteiro, que está de parabéns, bem como a cultura portuguesa por tão excelente labor, nesta obra em epígrafe:

MONTEIRO, Américo Enes - *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa (1892-1939)*. Porto: Lello Editores, Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto, 2000. 501 pp.

RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENESES

Bibliografia

Filosofia

BURGOS, Juan Manuel - *El personalismo: autores y temas de una filosofía nueva*. Madrid: Ediciones Palabra, 2000. 197 p. Manuales de Filosofía; 14.

O personalismo é uma filosofia que se caracteriza por colocar a *persona* no centro da sua estrutura conceptual. Este espírito filosófico tomou corpo e forma, em França, pelos anos 30 e adquiriu relevo ao ter informado acontecimentos planetários, como: declaração da ONU sobre os Direitos Humanos e os textos do Concílio Vaticano II.

Este livro pretende ser uma contribuição sobre o personalismo, em duplo sentido. Em primeiro lugar, coloca à disposição do leitor uma série de conceitos dos diversos filósofos, para que esta corrente filosófica resolva algum dos seus problemas ou responda a algumas das expectativas.

Em segundo lugar, oferece uma visão de síntese. O texto, em epígrafe, começa por analisar o contexto cultural e histórico em que surgiu o personalismo. Seguidamente, o autor trata do personalismo francês, que é o mais importante e aquele que estabeleceu as bases desta filosofia.

Na parte doutrinal, enumeram-se e sintetizam-se os principais elementos conceptuais, que caracterizam o personalismo, primeiramente como filosofia realista e, logo, como filosofia original.

Nesta obra, opta-se pela clareza na exposição, em vez da erudição.

RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENESES

Pedagogia

JOSÉ GIMENO, Sacristán - *La educación obligatoria: su sentido educativo y social*. Madrid: Ediciones Morata, 1999. 126 p. Pedagogia - razones y propuestas educativas.

Frequentemente o professor torna-se uma pessoa de acção executiva sem suficiente tempo para reflectir sobre os fins, os meios e os conteúdos, ficando-se preferentemente nas estratégias e didácticas.